



Pelas epistemologias do desprendimento: a dança em coletividade como produtora de autonomia

Thiago Alixandre da Cunha¹

RESUMO – Como quase tudo, o conceito de autonomia tem sido tratado por um viés mercadológico. A ideia de autonomia parece ter sido substituída pela noção de empreendedorismo, e ele, sob este entendimento, seria a chave de certo ideal de “sucesso”. No presente artigo, o fenômeno da autonomia será lido como um parâmetro básico sistêmico cuja filiação epistemológica finca suas raízes na Teoria Geral dos Sistemas. A experiência do grupo de dança Coletivo O¹² nutre o texto ao ser um caso do objeto que trata – a conquista e prática da autonomia nos sistemas vivos.

Palavras-chave: Autonomia. Votorantim. Coletividade. Dança. Desprendimento.

¹ Thiago Alixandre é co-fundador do Coletivo O¹², bailarino profissional, produtor cultural, gestor cultural do Parque Ecológico do Matão, professor e coordenador do Projeto Parque da Autonomia, crítico de dança no jornal Gazeta de Votorantim, idealizador do encontro nacional Dança na Pedreira e graduando em filosofia pela UNIMES. Integra ainda o CED (Centro de Estudos em Dança da PUC-SP).

Through the epistemology of detachment: the dance in a collective group as a producer of autonomy

Thiago Alixandre da Cunha¹

ABSTRACT – *As almost everything, the concept of autonomy has been treated with marketing bias. The idea of autonomy seems to have been replaced by an entrepreneurship notion which, under this understanding, would be the key to a certain idea of “success”. In this article, the autonomy phenomenon will be perceived as a basic systemic parameter in which epistemological association sets down roots in the General Systems Theory. The experience of Coletivo O¹² dance group nurtures the following text as a case of the object it refers to – the achievement and practice of autonomy in living systems.*

Keywords: Autonomy. Votorantim. Collectivity. Dance. Untying.

¹ Thiago Alixandre is co-founder of the O¹² Collective, professional dancer, cultural producer, cultural manager of the Matão Ecological Park, professor and coordinator of the Autonomy Park Project, dance critic at Votorantim Gazette newspaper, creator of the Dancing in the Quarry national meeting and current a fellow in philosophy at the Santos Metropolitan University - UNIMES. Staff member at Dance Studies Center from the Sao Paulo Catholic University - CED/PUC-SP.

Todo desprendimento gera uma cicatriz ¹, é por isso que todo corpo tem seu umbigo. Mas nem sempre nos lembramos de que esta cicatriz, carregada por todos nós, é resultante de uma série de processos complexos que a antecederam e a produziram. Quando nos lembramos disso, se torna então, possível perguntar quais situações foram responsáveis para que houvesse tal desprendimento. Para que algo se desprenda, é preciso que antes este algo tenha sido nucleado, agrupado, agregado, junto ou atado a um outro. Este outro algo pode ser uma pessoa, um grupo, algum espaço, uma situação, um contexto, um ambiente, uma política, uma metodologia, um jeito de existir, uma lógica e etc. Se é preciso estar junto para, então, se desprender, talvez uma outra pergunta mereça ser enunciada primeiro: quais são as circunstâncias responsáveis pela nucleação de um sistema? E quais elementos seriam os seus nucleadores?

Este artigo se dedicará a desenvolver uma conversa sobre autonomia. Para isso, será necessário saber antes quais condições são necessárias para sua produção ou para sua falta.

Foi para responder artisticamente a essas perguntas, que nasceu em 2008 o Coletivo O¹² na cidade de Votorantim, interior de São Paulo. Gestados pelo mesmo acidente circunstancial e filhos do mesmo parto político, os elementos do grupo encontraram na *Autonomia* seu assunto de vida e de morte. De vida porque é na biofilia² onde a autonomia encontra acolhimento e crescimento, e de morte, porque por mais autônomo que seja um sistema e por mais duradoura que seja sua permanência, é sabido que a entropia sempre vence. Mas sobre isso, entenderemos mais adiante.

Autonomia é então, o objeto central na pesquisa artística do Coletivo O¹² e, por isso, este artigo se deterá a desenvolver o assunto não como tema, mas

1 Aqui se usa cicatriz num sentido físico e simbólico. Cicatriz como uma marca física ou psíquica. Consideram-se aqui corpos vivos de mamíferos, répteis e aves. Mesmo quando não aparecem, estes corpos têm umbigos. No caso de filhotes de aves e de répteis que nascem de ovos, mesmo eles ficam ligados à gema do ovo, de onde recebem nutrientes, por um cordão que sai de seu abdômen e que se rompe com o nascimento. Por isso, têm umbigo, embora ele não seja visível. Caberia ainda entender como umbigo a marca das frutas após o seu desprendimento, pelo amadurecimento ou por circunstâncias outras. Cabe também entender que simbolicamente as cicatrizes se transformam com o tempo.

2 O ecólogo americano Edward O. Wilson propôs sua hipótese da biofilia cuja a etimologia explica: do grego bios, vida e philia, amor, afeição. Literalmente “amor pela vida”. Já Erich Fromm usa o conceito de biofilia como sendo o inverso de necrofilia, enquanto que outros autores opõem biofobia à biofilia.

como pensamento cuja lógica ensaia o compartilhamento do que foi estudado nos últimos 7 anos pelos corpos artistas que compõem o grupo.

Uma história íntima que ganha caráter público

Como a experiência é sempre no corpo que se dá, é possível que se desenvolva uma tendência a compreender que as experiências são de esfera íntima. Afinal, elas acontecem com e no corpo, mas quando se compreende o corpo como uma coleção de informações cuja atualização está em permanente estado de aprontamento e co-dependente da troca com o ambiente onde se encontra como propõe a teoria *Corpomídia*³ (GREINER, KATZ; 2005 p. 126), fica possível compreender o corpo como um sistema complexo, cujo interior não está alienado ao espaço fora dele.

Sabendo disso, se torna sustentável pleitear que a história de nascimento do Coletivo O¹² está indissociavelmente vinculada a um rompimento profissional produzido pela dissidência política, negação de certos valores éticos-morais-afetivos e desprendimento estético do projeto do qual se emancipou; não se trata apenas de uma biografia íntima, mas de uma experiência na qual seus traços repetem padrões sistêmicos já descritos detalhadamente pela Teoria Geral dos Sistemas, que se referem não somente a história deste coletivo de dança, mas a de toda e qualquer história de um sistema psicossocial.

A percepção de que os processos de desprendimento que geraram o Coletivo O¹² não foram apenas um fenômeno isolado, um caso particular circunscrito aos acidentes circunstanciais da história grupo, mas sim, um traço ontológico dos padrões processuais nos sistemas vivos, foi o que tornou possível encontrar nesta biografia um traço que merecia ganhar o relevo público.

A percepção que alimenta este percurso artístico é o ato metafórico de olhar para o próprio umbigo, não para se ensimesmar, mas para se lembrar que ele é a cicatriz simbólica de um desprendimento, cuja condição primeira de

3 Corpomídia: conceito desenvolvido pelas pesquisadoras Christine Greiner e Helena Katz.

existência tem suas raízes na co-depêndia de onde todo e qualquer sistema vivo é gerado.

Uma certa estrela-mestra

Foi em meados de 2007 que encontramos respostas muito contundentes e reflexões muito avançadas às perguntas que circundavam os problemas que nos alvoroçavam e nos faziam inquietos a respeito de autonomia. Ao tomar contato com uma série⁴ de três livros sobre arte e ciência escritos pelo Prof. Jorge de Albuquerque Vieira (astrofísico pela UFRJ e prof. do Curso de Comunicação das Artes do Corpo da PUC-SP até meados de 2014), o desejo de compreender o fenômeno da autonomia no contexto da hipercomplexidade dos sistemas vivos foi nutrido por seus textos e, desde então, segue florescendo na forma de pesquisa artística.

Como o brilho de uma estrela guia, os textos do Prof. Jorge, ao mesmo tempo que indicavam os caminhos a seguir, os iluminavam. E assim, pouco a pouco, a luminosidade das ideias que habitam na mente brilhante deste mestre, foi incidindo seus fochos em nossos rostos e permitindo cada qual perceber o que antes se abrigava no escuro da nossa percepção. Com a hipertrofia gerada pelo exercício do olhar crítico que estas novas informações nos imputou, foi necessário buscar outro espaço para que essa nova “musculatura política” encontrasse abrigo confortável; e para tal foi necessário um desprendimento, cujo grito de liberdade tem ecos ainda audíveis na dança do Coletivo O¹².

As ideias do Prof. Jorge colidiram de tal modo com nossas necessidades criativas, que ganharam em nossos corpos a potência e o brilho de um acidente cósmico que explode e constela no céu de nossas bocas a cada discurso enunciado sobre o nosso trabalho a todo instante.

4 Série - Formas de Conhecimento: Arte e Ciência Uma Visão A Partir Da Complexidade em *Teoria do Conhecimento e Arte* (2006), *Ciência* (2007), *Ontologia* (2008) de Jorge de Albuquerque Vieira - Edição: Expressão Gráfica (CE, Fortaleza).

Quando se desprendem as partes. Quanto se dependem as partes

Com a coreografia *Quando se desprendem as partes* (2008), o Coletivo O¹² fez uma espécie de rito de passagem, dançando a sua biografia à luz da compreensão de que ela é assunto de interesse público por não se referir somente à sua história particular. Sua dramaturgia deu grifo, contorno e acentos na generalidade sistêmica à qual o assunto pertence. Assumindo um papel colaborativo para o avanço dos entendimentos sobre conquista de autonomia, este coletivo ambiciona pulverizar compreensões mais profundas e dar destaque a uma conversa que vem sendo substituída no senso comum pelo entendimento mercadológico de empreendedorismo.



FIGURA 1 – Registro fotográfico do Coletivo O¹² - Quando se desprendem as partes - ação espetáculo, Votorantim/SP.

FONTE: Extraído do acervo pessoal do autor, 2008.

Quando se desprendem as partes tomou conta de investigar coreograficamente os processos de desprendimentos causados pelo amadurecimento de um elemento em um sistema. Na coreografia, os corpos buscavam situações de junção e separação, cada qual disparada por um mecanismo diferente, ora forçadas a se juntar por um único elemento, ora forçadas a se separar por uma situação comum, ora se juntando pela necessidade do apoio, ora se separando pela necessidade do reconhecimento como indivíduo.



FIGURA 2 – Registro fotográfico do solo de Thiago Alixandre - Quando se desprendem as partes - ação espetáculo, Votorantim/SP.

FONTE: Extraído do acervo pessoal do autor, 2008.

Nesta experiência “coreopoliticoestética” apareceram situações em torno de conquista de autonomia em sistemas vivos; no entanto, não coube trabalhar, de fato, a sua prática. Neste sentido é que ganha nexos de coerência o novo projeto coreográfico do Coletivo O¹², intitulado *Quando se dependem as partes* (com estreia prevista para 2015), que tem se detido a continuar a pesquisa sobre autonomia, agora na compreensão de sua prática. Os projetos artísticos com títulos similares têm o propósito de explicitar uma continuidade na pesquisa, mas indicando mudanças no seu percurso. Foram 7 anos dedicados ao entendimento do que produz a **conquista** da autonomia. Agora, o interesse está no buscar pistas sobre como se dá a sua **prática**: como o corpo que dança pode conduzir uma conversa sobre o exercício desta autonomia em seu ambiente.

A natureza dessa pesquisa artística convocou análises atomistas e holísticas que, ao se misturarem, transformaram-se num pensamento sistêmico, que banha de complexidade o tecido criativo que a envolve. A noção de co-dependência surge como condição e vem norteando as criações do grupo, que agora testa explorar a circunstância poética da autonomia. A rica mistura entre arte e ciência produz conhecimento – essa hipótese tem maestrado o andamento dessa dança. *Quando se desprendem as partes*

(2008) e *Quanto se dependem as partes* (2014) desejam prenunciar o viés por onde o Coletivo O¹² olha para a sua questão.

Entendemos que se conversa pouco sobre autonomia e que ela constitui um tema central na sociedade em que vivemos, por isso assumimos esse papel colaborativo na promoção dessa conversa.

Por uma autonomia da co-dependência

Para quem parte do ponto de vista evolutivo, autonomia se refere à capacidade de reunir uma certa coleção de informações que habilita o sistema a explorar de forma eficiente o ambiente no qual está. Quando o sistema consegue permanecer neste ambiente, conquistou autonomia. A autonomia, nessa compreensão, é uma estratégia adaptativa de sobrevivência, daí a sua relevância. Cabe lembrar que a autonomia é frequentemente confundida com independência, que é usada como sinônimo de conquista de liberdade ou de autossuficiência. Não é essa autonomia que estudamos.

A intenção do projeto artístico do Coletivo O¹² é explicitar que são as formas colaborativas de produção de conhecimento que possibilitam o estancamento dos processos de desvalor que prejudicam tanto a conquista da autonomia. Estes processos são identificados em piadas cotidianas, comentários maldosos, ou simplesmente quando não somos capazes de reconhecer e dar relevo às qualidades do outro. A desvalorização é altamente nociva à atividade autônoma e, além disso, não se pode esquecer que processos de desvalor geralmente incitam processos de dominação.

Toda forma de dominação envolve sempre desvalorização (Alves Jr, em conversa na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, durante o Congresso da SBPC, 1986, em *CIÊNCIA - Formas de conhecimento: Ciência e arte uma visão a partir da complexidade* (VIEIRA, 2007, p. 111)).

A associação entre desvalor e dominação geralmente se vincula a procedimentos de manipulação da informação, o que torna ainda mais nociva a sua ação. Quando se tem clareza sobre o significado desse contexto, compreende-se que relações construídas com afeto e respeito, que valorizam as singularidades e o crescimento mútuo, fertilizam a vida e colaboram com a possibilidade da autonomia ser conquistada.

Um bom começo para o estancamento dos processos de desvalor e para a inibição de procedimentos de dominação depende, portanto, de cada um de nós, está em cada um dos gestos do nosso dia a dia. São as nossas escolhas e ações que podem estancar a perversa associação entre desvalor-dominação-manipulação da informação.

Por todos os motivos políticos, econômicos, estéticos, mercadológicos e de outras ordens que agora tecem o nosso viver, esta pode ser entendida como uma iniciativa piracema⁵.

Depois de sete anos dedicados a estudar esse tema, sua importância fica ainda mais clara. A autonomia, em sistemas vivos, é mesmo uma conquista relacionada a uma prática. Não se refere somente a uma reserva de informações, mas sim à capacidade de produzir e lidar com essa reserva, para assim permitir a permanência do sistema em seu ambiente.

Vale destacar que cada ambiente tem a sua taxa de complexidade e a produção de autonomia vai se dar em função desta taxa de complexidade, quando for possível desenvolver uma relação sustentável, que se retroalimenta para favorecer a permanência.

Uma ameba, por exemplo, extrai nutrientes da terra para garantir a sua sobrevivência. Ela coleta as informações de seu ambiente, elabora sua reserva para ali permanecer. Como todo sistema biológico, a ameba já tem uma taxa de complexidade. E quando se trata de sistemas psicossociais, a complexidade cresce de maneira exponencial, por isso eles são chamados de sistemas hiper-complexos. Além de físicos, químicos, vivos, psíquicos, são também, culturais, sociais, políticos, econômicos e etc. E como o processo de produzir autonomia parece estar presente em todos esses ambientes, tudo indica que a autonomia constitui um traço indispensável para a sobrevivência de todas as espécies.

No senso comum, costuma-se dizer que alguém ou algo pode “oferecer” autonomia a um indivíduo, ou que alguém “é” autônomo, ou ainda que algo “tem” autonomia. No entanto, nunca se “é” autônomo, apenas se “está” em

5 **Piracema** é o nome dado ao período de desova dos peixes, quando eles sobem os rios até suas nascentes para desovar. Os peixes que migram para reprodução precisam nadar contra a correnteza até as cabeceiras dos rios, para se reproduzirem. Durante este evento, os peixes gastam muita energia, o que contribui para queima de gordura acumulada no corpo. A glândula hipófise, existente na base do cérebro, é estimulada e desenvolve hormônios, incluindo os responsáveis pela reprodução. Poeticamente é um nadar contra a correnteza para “poluir” o rio com vida em sua cabeceira.

autonomia, ou no exercício de praticá-la, mas sempre a depender das condições de relações possíveis entre o corpo que busca essa prática em seu ambiente. Daí ser importante repetir que a autonomia não é exatamente a reserva das informações, mas sim a capacidade de elaborar e lidar com tal reserva.

Duas premissas importantes devem ser frisadas sobre a autonomia:

1. Autonomia não se dá, se conquista!
2. Autonomia não se possui, se pratica!

O desafio de gerar autonomia é ameaçador para qualquer sistema, pois quando há incapacidade de elaborá-la, isso coloca em risco a permanência do sistema, abrindo espaço para a entropia se instaurar.

Como se sabe, ambientes artísticos são altamente complexos, portanto conquistar e praticar a autonomia neles requer uma sofisticada capacidade de inventar táticas evolutivas.

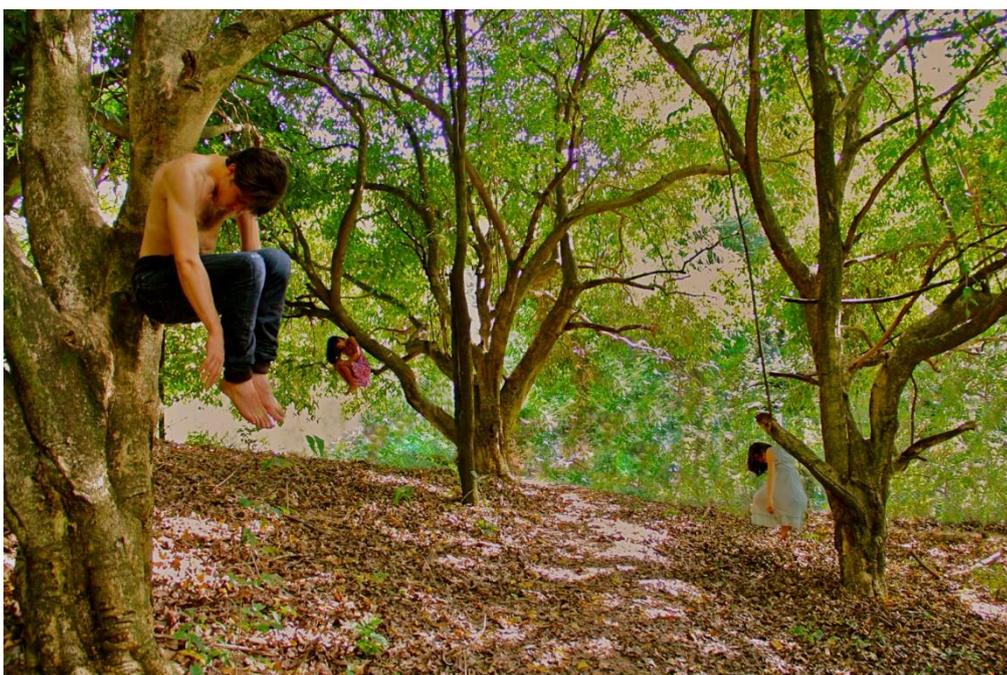


FIGURA 3 – Ensaio fotográfico realizado em fevereiro de 2012 no Parque Ecológico do Matão em Votorantim/SP, sede do Coletivo O¹².

FONTE: Extraído do acervo pessoal do autor, 2012.

Sistemas podem tender a serem mais agônicos ou mais hedônicos. Nos agônicos, funciona a lógica da agonia e do desvalor, estratégias eficientes para atividades de controle e manipulação; e nos hedônicos, a lógica do prazer e do valor, estratégias que tecem melhores condições para a conquista e prática da

autonomia. Nenhum sistema é completamente hedônico e nem completamente agônico, o que incentiva a buscar uma dosagem equilibrada entre essas duas características, de modo a fazê-lo permanecer com bem estar e qualidade de vida.

O corpo como cidade a cidade como corpo, um corpo-sociedade

Na moldura dos conceitos aqui apresentados (sistema, ambiente, autonomia e permanência), propomos o corpo como um sistema, a dança como um ambiente profissional e a sobrevivência nele (permanência) como produto da autonomia. Esta tríade de parâmetros (ambiente, autonomia e permanência) é a costura teórica que alinhava e ajusta o entendimento de mundo ao qual os projetos do Coletivo O¹² são filiados e que têm permitido a realização de iniciativas para além da carreira profissional particular dos artistas que o compõem.

Pensar no trabalho artístico como coisa pública permite catapultar suas dimensões de atuação. A partir dessa noção, pensar o corpo que dança numa cidade, é pensar todas as instâncias que fazem parte deste ambiente: seu mercado, seu público, a educação de suas plateias, sua programação, sua curadoria, sua produção cultural, sua crítica, sua demanda, sua necessidade de existir como sistema integrado e não como apêndice alienado.

O Coletivo O¹² vem criando conexões com espaços públicos, com o objetivo de estimular transformação na cidade de Votorantim. Seguem dois exemplos, ambos iniciativas de reconciliação “geoafetiva” dos corpos urbanos e dos corpos civis que compõem a cidade:

1. A gestão cultural de um espaço abandonado por oito anos na cidade, o Parque Ecológico do Matão, feita através do projeto Parque da Autonomia do Coletivo O¹², que cuida de desenvolver um projeto de educação continuada em dança com eixos prático-teóricos, além de outros núcleos abertos a comunidade interessada;
2. O projeto Dança na Pedreira, um encontro anual de dança, que se iniciou em 2011 e já está em sua terceira edição, que teve como compromisso o “desabandono” de uma pedreira desativada há mais de 20 anos, no centro da cidade.



FIGURA 4 – Registro fotográfico do espetáculo *Danças Passageiras* de Zélia Monteiro no projeto Dança na Pedreira, Votorantim/SP.
FONTE: Extraído do acervo pessoal do autor, 2014.

Quando um espaço geográfico é despreendido dos hábitos de seu tecido social e vira apenas uma cicatriz urbana, é preciso redescobrir os vínculos no nosso mapa afetivo e atar de novo essa parte que se desprendeu. Para isso, é preciso investir em mecanismos que voltem a valorizar esses espaços. Voltados a combater o desvalor, os projetos do Coletivo O¹² encontraram abrigo fértil nestes espaços, porque assim como o grupo, os espaços carregam traços históricos de um tipo de despreendimento no qual se reconhece sintonias. Faz parte do compromisso político desses projetos a prática de uma mesma lógica (no caso, ligada ao despreendimento, seja do coletivo, seja dos espaços). Modo de conectar a história de algumas pessoas com a história da cidade. Conexão que permite continuarmos a dançar a cidade na cidade.

Desde 2008, o Coletivo O¹² vem desenvolvendo intervenções urbanas nas praças da cidade, nos terminais de ônibus e nas vitrines das lojas do centro comercial; apresentações no Teatro Municipal; cursos, workshops, mostras e eventos no Parque Ecológico do Matão; vídeos, ensaios abertos e mostras na Pedreira do Jd. Icatu, e aulas com metodologia própria para educação de plateias nas escolas da rede pública estadual de ensino médio através do projeto *Game Cênico* (2011).

Depois desse tempo de peleja, experimentação de conquistas e fracassos nas tentativas de organizar uma coletividade justaposta e complexa, se faz necessário tornar público o conhecimento extraído do que vem ocorrendo em Votorantim.

Sufrimento, decepção, dor, surpresa, desacordos, afetos e empatias formaram mecanismos de nucleação que possibilitaram a nossa existência. Descobrimos que o despreendimento se dá não só, mas principalmente através de processos de amadurecimento, e que a seleção natural expelle do sistema os menos adaptados. Tudo isso faz do atual⁶ Coletivo O¹² um experimento “políticopoético” de plasticidade adaptativa.

Este artigo é dedicado a todos os que se perguntam sobre o nascimento do O¹², aos que se interessam por pesquisas artísticas vinculadas ao entendimento de dança e sociedade, e a todos os artistas, pesquisadores e amigos que, com seus afetos e ideias, permitiram que esta história de conquista e prática de autonomia permanecesse até aqui. Mais adiante, continuamos nossa conversa. Seguimos caminhando, compartilhando, com partes trilhando...

REFERÊNCIAS

COLETIVO O¹². Tributo à autonomia, fevereiro de 2008. Conversa Sobre Autonomia 1. Março de 2008. Disponível em: <http://www.odoze.blogspot.com.br/2008_03_01_archive.html>. Acesso em: 14/12/2014.

COLETIVO O¹². Tributo à autonomia, fevereiro de 2008. Conversa sobre autonomia 2. Abril de 2009. Disponível em: <<http://www.odoze.blogspot.com.br/2009/04/conversa-sobre-autonomia-2.html>>. Acesso em: 14/12/2014.

COLETIVO O¹². Tributo à autonomia, fevereiro de 2008. Conversa sobre autonomia 3. Fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://odoze.blogspot.com.br/2012/03/quer-conversar-sobre-autonomia.html>>. Acesso em: 14/12/2014.

6 O atual Coletivo O¹² é composto por Tati Almeida, Preta Ribeiro e Thiago Alixandre.

FROMM, E. **O coração do Homem**: seu gênio para o bem e para o mal. New York: Harper & Row Publishers, 1964.

KATZ, H.; GREINER, C. O corpo. Pistas para estudos indisciplinados. Dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz61162410109.jpg>>. Acesso em: 14/12/2014.

VIEIRA, J. A. Referências extraídas de conversa ocorrida no Teatro Tucarena, São Paulo, SP, em 02 de agosto de 2011.

VIEIRA, J. A. **Teoria do Conhecimento e Arte**: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

Recebido em: 20.09.2014

Aceito em: 30.10.2014